

Resultados da conferência são imprevisíveis

Objetivos 'oficiais' são genéricos; relevância das decisões dependerá da vontade política e ambição dos países

O objetivo oficial da Rio+20, definido pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, é "a renovação do compromisso político internacional com o desenvolvimento sustentável, por meio da avaliação das ações implementadas e da discussão de desafios novos e emergentes". E as discussões, oficialmente, serão divididas em dois grandes temas: "economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza"; e "estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável".

O que resultará disso tudo, em termos práticos, é difícil prever. Pode ser uma carta de intenções genéricas, pode ser uma declaração com objetivos concretos, pode ser nada, dependendo do nível de vontade política e de como caminharem as negociações.

É improvável que a Rio+20 produza tratados efetivos como os da sua "conferência mãe", a Rio-92, que deu à luz três convenções internacionais: da Mudança do Clima, da Diversidade Biológica e do Combate à Desertificação.

cação. Acordos que ganham vida própria e que realizam periodicamente suas próprias conferências (as famosas COPs).

A expectativa mais realista, como indica o texto da ONU, é que a Rio+20 sirva como ponto de partida para um novo – e longo – processo de discussões internacionais focadas no desenvolvimento sustentável. Espera-se que aponte rumos e defina objetivos gerais que, mais tarde, poderão ser condicionados a metas específicas. Em outras palavras: deverá ser uma conferência mais qualitativa do que quantitativa.

Complexidade. Os dois temas centrais da conferência podem ser resumidos como "economia verde" e "governança". Dentro de cada um deles, porém, esconde-se uma enorme complexidade de questões ambientais, técnicas, políticas, sociais e econômicas. No caso dos oceanos, por exemplo, vão desde a conservação de peixes até a qualidade de vida do pescador, a lucratividade da indústria pesqueira e a geo-

política dos mares.

O tema economia verde refere-se à necessidade de se criar modelos econômicos que sejam mais sustentáveis do ponto de vista ambiental e social, respeitando os limites do planeta e do ser humano. A governança refere-se à capacidade institucional e financeira de implementar esses novos modelos, tanto nas esferas nacionais quanto na internacional.

Uma das grandes discussões da Rio+20, nesse aspecto, envolve a proposta de transformar o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) em uma agência de desenvolvimento sustentável dotada de poderes deliberatórios, nos moldes da Organização Mundial do Comércio (OMC).

A ideia é polêmica e enfrenta resistência de países em desenvolvimento, entre eles o Brasil, com o argumento de que isso "isolaria" o tema ambiental dos outros dois pilares do desenvolvimento sustentável – o social e o econômico. Há também a preocupação de que uma agência nesse moldes dê espaço para a imposição de mais obrigações e barreiras econômicas.

Outro item de destaque nas ne-

gociações é a definição de Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS); algo na linha dos Objetivos do Milênio, definidos pela ONU em 2000 e que incluem oito metas a serem atingidas até 2015, como a redução da pobreza, da mortalidade infantil, de epidemias e da extinção de espécies.

No caso dos ODS, há uma disposição geral dos países em definir-los na Rio+20, mas quais serão os temas abordados, quais serão os objetivos e até quando

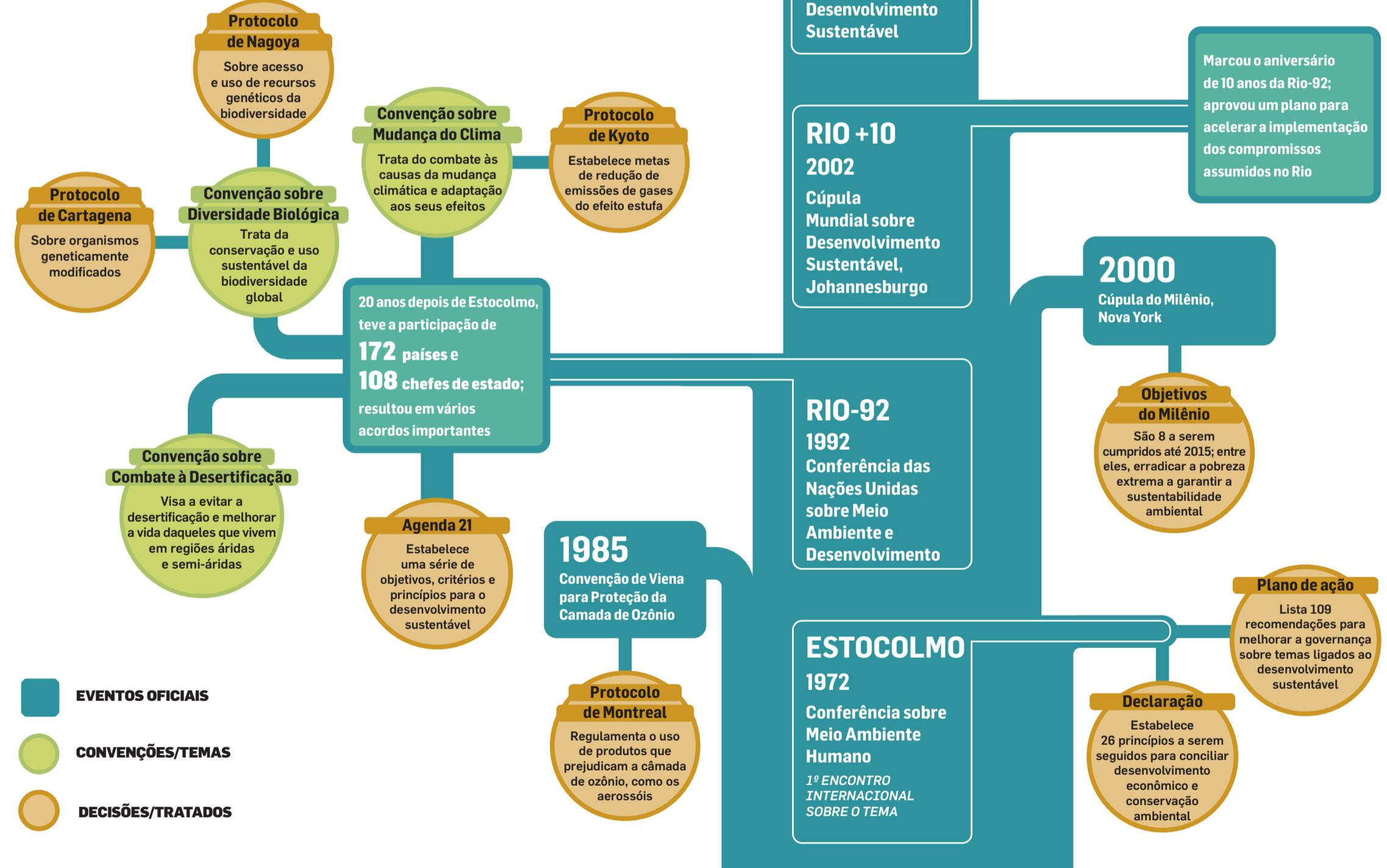
eles deverão ser cumpridos são decisões que ainda dependem de muita negociação.

Discute-se também a criação de uma nova métrica para mensuração de progresso e riqueza, que inclua critérios de sustentabilidade ambiental e social, e não apenas econômicos, como no caso do Produto Interno Bruto (PIB), que é um cálculo monetário do valor de todas as riquezas produzidas por um país. O novo índice levaria em conta,

por exemplo, a quantidade de recursos naturais consumidos e de poluição gerada na produção dessas riquezas. /H.E.

www.estadao.com.br/acervo

 Confira o Estadão ACervo



ÁRVORE EVOLUTIVA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Conheça o histórico dos principais encontros e decisões das Nações Unidas sobre o tema, que deram fruto à Rio+20

Debate está atrasado, diz porta-voz da ONU

Liana Leite
ESPECIAL PARA O ESTADO / RIO

O porta-voz das Nações Unidas na Rio+20, Giancarlo Summa, admitiu ontem que as negociações em torno do texto que definirá as metas do desenvolvimento sustentável não estão tão avançadas quanto a ONU gostaria. Mas minimizou o fato, dizendo que a

conferência é o ponto "de partida" para a discussão dessas metas, baseadas nos pilares crescimento econômico, desenvolvimento social e ambiental.

Ele fez as declarações um dia após o diretor do Programa da ONU para o Meio Ambiente (Pnuma), Achim Steiner, reconhecer a possibilidade de a conferência não ter resultados relevantes.

"A Rio+20 é uma conferência de partida, não de chegada. A partir dela vamos reformular toda a discussão e forma de trabalhar o desenvolvimento sustentável", afirmou Summa, após cerimônia em que o Riocentro passou oficialmente ao controle das Nações Unidas.

Para Summa, a principal vitória seria a assinatura, pelos 193

países-membros, do documento com as metas. "Estamos negociando para que a conferência tenha o melhor resultado possível, mas o documento é ambicioso. Precisamos do compromisso político dos líderes globais."

A cerimônia de transferência do controle do Riocentro ocorreu simultaneamente no Rio e em Brasília para celebrar o Dia

Mundial do Meio Ambiente e teve o hasteamento das bandeiras da ONU, do Brasil e da Rio+20.

Atraso. Com duas semanas de atraso, a Cúpula dos Povos começou a instalação das estruturas no Parque do Aterro do Flamengo, na zona sul. Organizado pela sociedade civil em paralelo à programação oficial, o evento deve reunir 30 mil pessoas entre os dias 15 e 23. As atividades ocorrerão em 60 tendas e arenas.

A demora para o início das

obras foi causada pelas negociações para a liberação das licenças para montagem. A prefeitura do Rio e o Iphan solicitaram que as tendas não ocupassem áreas de jardins para preservar o paisagismo projetado por Burle Marx.

Ontem, para protestar "contra a mercantilização da vida", a Cúpula promoveu ato em frente ao Instituto Estadual do Ambiente, no centro. Manifestantes enfocaram um boneco do secretário do Meio Ambiente, Carlos Minc. /COLABOROU ANTONIO PITA